

# ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O USO DE PLANTAS MEDICINAIS E MEDICAMENTOS INDUSTRIALIZADOS EM ROLIM DE MOURA DO GUAPORÉ-RO

Bruno Elias Rocha Lopes <sup>1</sup>  
Matheus Gabriel Marcondes Barbieri <sup>2</sup>  
Willians Andrade Campos <sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente estudo foi realizado em Rolim de Moura do Guaporé-RO, distrito de Alta Floresta D'Oeste, situado as margens do Rio Mequéns, possuindo vegetação nativa em seus arredores, sendo considerada uma das sete comunidades quilombolas remanescentes do estado. Objetivou-se realizar um levantamento etnobotânico e etnofarmacológico, para traçar um perfil comparativo entre o consumo de ambos. Metodologicamente, foi aplicado um questionário sobre o uso de plantas medicinais e alopáticos. Entrevistou-se 33 pessoas, sendo 60,60% do sexo feminino e 39,40% do masculino. A pesquisa revelou que uso de plantas medicinais, como tratamento para enfermidades, é comum para 81,81% dos entrevistados e o uso de alopáticos 75,75%, notou-se o uso de ambos os tratamentos, porém com uma predominância para o consumo de plantas medicinais na comunidade, observou-se um amplo conhecimento sobre plantas medicinais utilizando-as de muitas formas. Houve o uso concomitante de alopáticos e plantas medicinais por 63,63% dos entrevistados.

**Palavras chave:** Alopatícos, Plantas Medicinais, Etnobotânica, Etnofarmacológica.

## COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN THE USE OF MEDICINAL PLANTS AND INDUSTRIALIZED DRUGS IN ROLIM DE MOURA DO GUAPORÉ-RO

**ABSTRACT:** The present study was carried out in Rolim de Moura do Guaporé-RO, Alta Floresta D'Oeste district, located on the banks of the Mequéns River, with native vegetation in its surroundings, being considered one of the seven remaining quilombola communities in the state. The objective was to carry out an ethnobotanical and ethno-pharmacological survey, to draw a comparative profile between the consumption of both. Methodologically, a questionnaire was applied on the use of medicinal and allopathic plants. A total of 33 people were interviewed, of which 60.60% were female and 39.40% were male. The study revealed that the use of medicinal plants as a treatment for diseases is common for 81.81% of the interviewees and the use of allopathic 75.75%, it was noticed the use of both treatments, but with a predominance for the consumption of medicinal plants in the community, a great knowledge about medicinal plants was observed using them in many ways. There were concomitant use of allopathic and medicinal plants by 63.63% of the interviewees.

**Key words:** Allopathic, Medicinal Plants, Ethnobotany, Ethnopharmacological

---

<sup>1</sup> Professor orientador do presente trabalho mestre em ensino de física E-mail: brunoerl@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico dos cursos de Farmácia da Faculdade São Paulo - FSP E-mail: Matheus.Barbieri@outlook.com

<sup>3</sup> Acadêmico dos cursos de Farmácia da Faculdade São Paulo - FSP E-mail: williansandrade1@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Desde o início, os seres humanos possuem uma ligação direta e indireta com as plantas, de modo que utilizavam como alimentos, produtos madeireiros e não-madeireiros, decorações e também como medicamentos afins de curar suas enfermidades. Conforme Carneiro, Silveira e Gomes (2016), o uso medicinal tem despertado a curiosidade científica sobre a relação entre o ser humano e as plantas, logo, parte da pesquisa etnobotânica concentra-se em plantas medicinais.

As plantas medicinais são plantas que podem conferir propriedades curativas. A Organização Mundial da Saúde – OMS informa que essas plantas são plantas silvestres ou cultivadas e são utilizadas como recursos para prevenir, aliviar, curar ou alterar processos normais ou fisiopatológicos. Como fonte de drogas e seus agressores. Embora os medicamentos fitoterápicos sejam transformados em medicamentos acabados e rotulados e seus ingredientes ativos sejam formados por meio de partes no ar ou no subsolo, seu uso é uma prática antiga usada por humanos para tratar doenças relacionadas à saúde, e povos indígenas, escravos e imigrantes sendo diretamente a ascensão da medicina tradicional (Rates, 2001; Almeida, 2012).

O território amazônico é rico em viveiros de plantas medicinais devido à sua grande variedade. No entanto, ainda existem algumas espécies que são desconhecidas ou raramente utilizadas em certas áreas. Um dos problemas que impedem o estudo da compreensão dessas plantas na região e em todo o Brasil está relacionado aos nomes genéricos que apresentam, que mudam de local para local (Vieira, 1992).

A divisão de plantas medicinais no território amazônico limita-se basicamente a comerciantes, vendedores ambulantes, fabricantes de remédios caseiros, lojas de produtos naturais, farmácias processadoras e / ou determinados laboratórios. Afim de que as plantas medicinais se tornem produtos legalmente comercializáveis, são necessários pelo menos dois anos de testes laboratoriais e uso regular pelos pacientes para comprovar sua eficácia (Arruda, 2003).

No decorrer do período da colonização, as plantas nativas utilizadas em tratamentos patológicos eram patrimônio utilizado somente por tribos indígenas e seus líderes. Almeida (2012) especifica que em meados do século XX, esta prática de uso de plantas para fins medicinais curativos passou a ser costumeiro em centros rurais e urbanos, não ficando. As plantas medicinais possuem papel fundamental para as populações de baixa classe social e para os remanescentes de áreas afastadas dos centros urbanos. Nas últimas décadas a fitoterapia ao invés de ser substituída pela química farmacêutica e as ciências médicas, acabou sendo reintegrada na sociedade atual. A fitoterapia considera-se como uma prática multidisciplinar que envolve químicos, bioquímicos, biólogos, agrônomos, farmacêuticos, enfermeiros, médicos e nutricionistas. Contudo, existe grande desconfiança quanto ao uso da fitoterapia, mas os investimentos dos centros de pesquisa aumentaram gradativamente de modo que houve melhorias quanto ao conhecimento das diferentes espécies e de seus princípios ativos afim de validá-los como medicamento para uso terapêutico (Lameira; Pinto, 2008). Restrito somente a sociedades isoladas geograficamente.

É importante fazer pesquisas sobre o conhecimento local das plantas medicinais, mas esse conhecimento ainda tem uma perda imensurável. Vasconcelos e Cunha (2013) detalham que, no Brasil, o uso de plantas medicinais é comum entre os povos indígenas, e apenas um terço de um total de 122 culturas indígenas compreendem seu valor medicinal.

Em uma pesquisa realizada por Meneguelli (2015), todos os quilombos do Vale do Guaporé localizados em Rondônia utilizam-se de costumes envolvendo plantas medicinais, dos quais estes conhecimentos foram passados por gerações de colonizadores imigrantes e por tribos indígenas desta região.

Segundo Santos (2007), a etnobotânica é considerada uma ciência que transpõe dados entre as ciências humanas e as ciências naturais e, portanto, pretende compilar todo o conhecimento popular e seus usos tradicionais para explicar o significado cultural dessas relações no futuro. Segundo Nunes (2016), “etnofarmacologia” é definida como um ramo da etnobiologia / etnobotânica, abrangendo as práticas e terapias médicas utilizadas nos sistemas médicos tradicionais. Este campo estuda as relações humanas passadas e presentes, o que tem permitido a descoberta de novos medicamentos derivados de plantas.

O uso de medicamentos alopáticos intensificou-se a partir da segunda metade do século XX, como reflexo desse contexto o uso de plantas passou a ser reduzido em virtude da supremacia dos medicamentos industrializados que passaram, a partir de então, a predominar nas terapias modernas. Contudo, tem-se observado um crescente redescoberta do valor curativo das plantas medicinais, pois os efeitos colaterais dos medicamentos industrializados e o seu elevado valor tem contribuído para que a população busque tratamentos mais saudáveis e mais baratos para combater as suas mazelas. Mas, vale ressaltar que as plantas medicinais também possuem efeitos colaterais se não administradas de modo e na dose adequada, podendo causar efeitos tóxicos e até a morte se utilizadas incorretamente. (Barreto, 2011).

Frequentemente a população brasileira procura a medicina alopática para o tratamento de doenças. Entretanto, tal hábito pode estar relacionado ao desconhecimento sobre outras alternativas terapêuticas (Mazala; Almeida, 2018).

Nos primórdios das civilizações, os seres humanos já usavam recursos naturais para sobreviver as mazelas da época em que vivam. Vasconcelos e Cunha (2013) ressaltam que a descoberta de prováveis aplicações terapêuticas para tratamento e cura de doenças é um dos únicos recursos para comunidades tradicionais e grupos étnicos. As práticas medicinais tradicionais ainda são amplamente utilizadas nas comunidades pobres.

Os procedimentos de produção e comercialização de medicamentos só ocorrem após um vasto processo que irá envolver meses ou anos de pesquisa, diversos testes e investimentos. O valor de um medicamento aproxima-se de bilhões de reais e tem uma média de 10 anos em pesquisas, sendo que há necessidade desse custo e prazo para que seja comprovado por meio de ensaios a eficiência e segurança do medicamento (Rocha e Galende, 2014).

Este trabalho teve por objetivo realizar um estudo comparativo quanto ao consumo e uso de medicamentos industrializados/alopáticos e de plantas medicinais, através do levantamento de dados socioeconômicos (sexo, idade, escolaridade, religião e região de origem), etnobotânicos (conhecimento sobre plantas medicinais) e etnofarmacológicos (modo de utilização e para que servem) realizado na comunidade remanescente do quilombo de Rolim de Moura do Guaporé – RO.

Ressalta-se também, que este trabalho possuiu grande importância para contribuir com o conhecimento etnofarmacológico de plantas medicinais utilizadas pela população do quilombo em questão, ampliando os espaços de interação entre os conhecimentos acadêmicos e os conhecimentos tradicionais.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

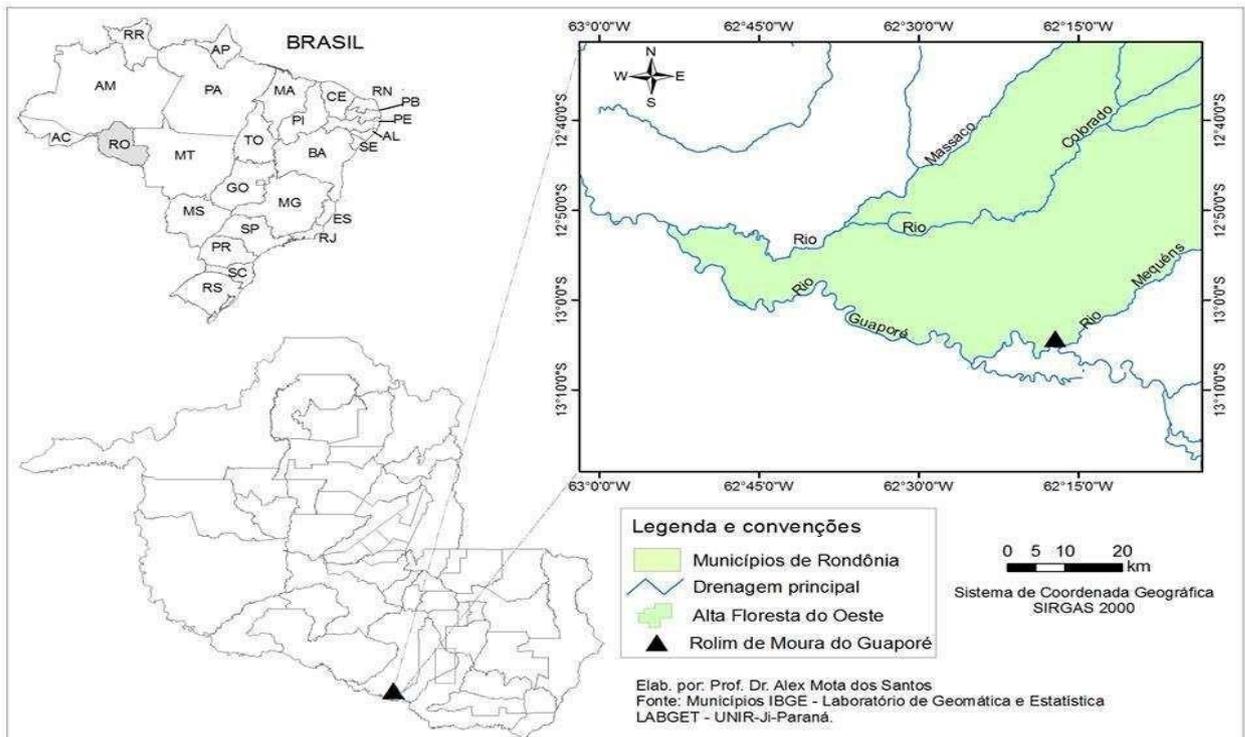
### **Área de estudo**

O presente estudo foi realizado na comunidade tradicional de Rolim de Moura do Guaporé (Figura 1) que está localizada dentro das seguintes coordenadas geográficas de latitude 13°04'04,53,0''S e longitude 62°16'25,5''W localizada as margens do Rio Mequéns, sendo uma comunidade cercada por vegetação local possui seu território pertencente ao

município de Alta Floresta D'Oeste que segundo o IBGE (2010) possui cerca de 24.392 habitantes e uma área territorial de 7.067,025 km<sup>2</sup>.

A comunidade fica no entorno do Parque Estadual de Corumbiara, local onde só é possível chegar por vias fluviais ou aéreas. A presença humana nesse local é secular, e abrigam suas residências. Nesses locais estão estabelecidas as famílias, cuja geração de renda está centrada basicamente na pesca, nas lavouras de subsistência e no turismo de pesca (Nunes, 2016).

Rolim de Moura do Guaporé é considerada uma das sete comunidades remanescentes de quilombos que possui sua certidão de auto reconhecimento expedida pela Fundação Cultural Palmares (Meneguelli, 2015).



**FIGURA1- Localização do Distrito de Rolim de Moura do Guaporé, Rondônia. Fonte: NUNES, 2016.**

## Coleta de dados

Foram aplicadas entrevistas, à 33 pessoas utilizando questionários com perguntas objetivas e subjetivas dividido em três temáticas, sendo uma relacionada aos aspectos sociais: i) idade, onde foi classificado em faixas etárias de 20 até 100 anos, ii) sexo, iii) religião, iv) região de procedência dos entrevistados e v) escolaridade, classificada entre ensino médio incompleto até superior completo. Foram coletadas informações etnobotânicas sobre: i) o uso ou não plantas medicinais, ii) quais plantas comumente usadas, iii) formas de uso iv) aonde eram obtidas (plantio próprio, floresta e comercio). Também foram coletados dados etnofarmacológicos relacionados ao: i) uso de medicamentos alopáticos, ii) onde se adquire, iii) se há uso contínuo desses medicamentos e iv) se existe o uso de medicamentos sem orientação médica.

A pesquisa foi realizada nos dias 15 e 16 de novembro, no período vespertino, das 14 às 17 horas do primeiro dia, sendo o segundo reservado para análise e processamento dos dados. Para a realização da coleta dos dados foram organizados dois grupos, os quais

percorreram rotas diferentes, para cobrir uma maior área da comunidade buscando não repetir entrevistados e coletar uma maior quantidade possível de informações.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A maior parte dos entrevistados pertenciam a faixa etária de 20 a 60 anos, o grau de escolaridade que predominou foi ensino médio incompleto (Gráfico 1). Predominou-se a religião católica e a maior parte dos entrevistados eram da própria região norte.

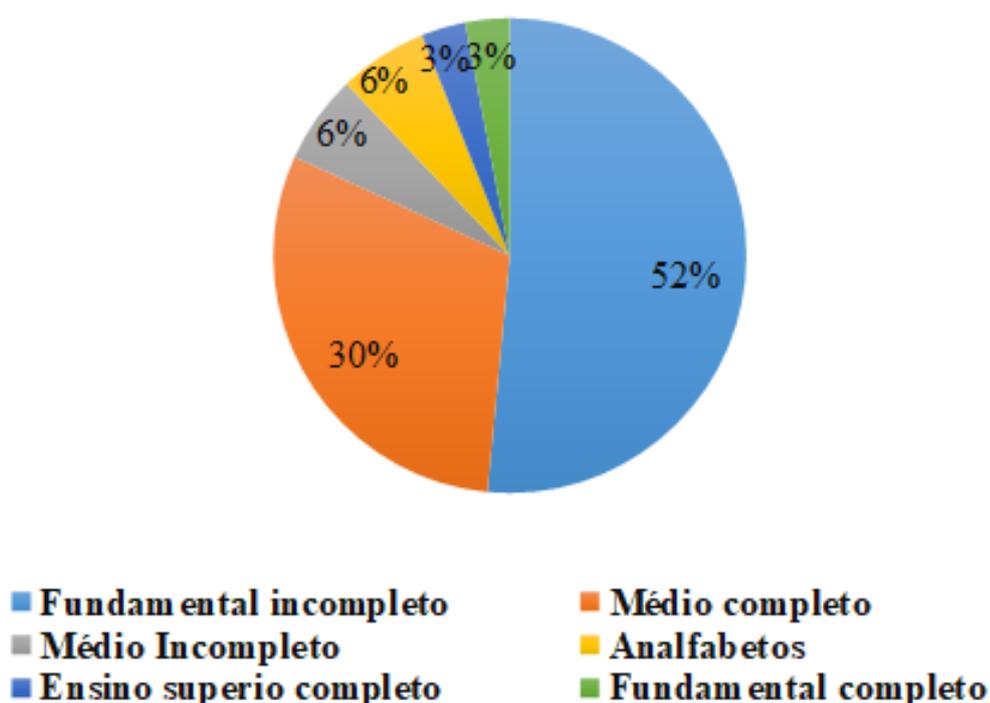


GRÁFICO 1- Nível de escolaridade dos entrevistados

### Consumo de Plantas Medicinais

Quanto a utilização 27 dos entrevistados relataram que fazem uso de plantas com fins medicinais foram citadas 24 espécies de plantas medicinais (Quadro1) e sendo que houve a declaração o uso das mesmas plantas medicinais por parte dos entrevistados. As plantas citadas com maior frequência foram o Boldo com 7 citações, Erva Santa Maria, Hortelã, e o Gervão com 4.

Os resultados encontrados concordam com Meneguelli (2015), que realizou um estudo sobre a Etnobotânica na comunidade de remanescentes de quilombo de Pedras Negras –RO onde ele mostra que nesta comunidade também há o consumo de plantas como Boldo (*Peumus boldus*), Gervão (*Stachytarpheta cayennensis*), Capim Santo (*Cymbopogon citratus*), Crajiru (*Arrabidaea chica*) e Terramicina (*Alternanthera dentata*) Pedras Negras é uma comunidade vizinha a usada neste estudo.

O uso de plantas medicinais em quilombos não é comum apenas aqueles situados no estado de Rondônia, na comunidade quilombola de Senhor do Bonfim que pertence ao município de Areia-PB, onde se pode observar o uso de plantas medicinais como: Capim Santo (*Cymbopogon citratus*) e Hortelã (*Mentha sp.*), que estão entre os mais citados em Rolim de Mura do Guaporé. (SALES, et al., 2009).

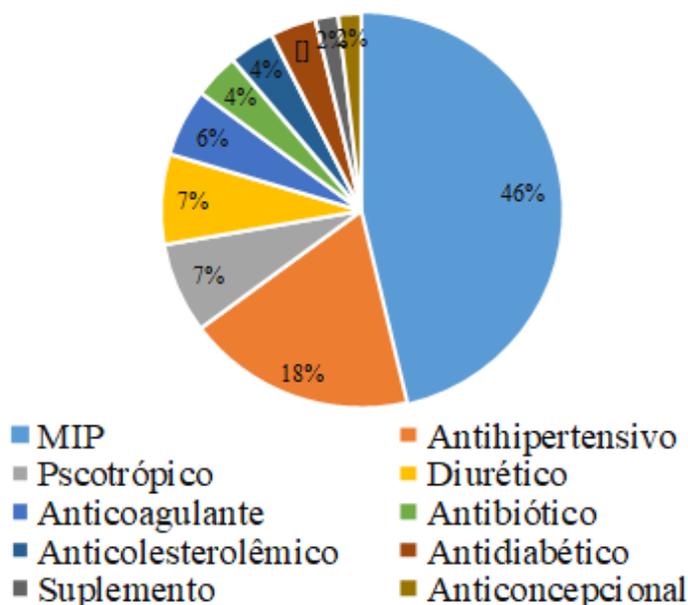
Com relação ao local de obtenção dessas plantas, o mais comum é o cultivo pessoal, com 74,07% e após 14,81% disseram que coletam nas florestas que ficam aos arredores da comunidade, e 11,11% provenientes de comércios e vendedores ambulantes. Em 2016 o índice de moradores que cultivam plantas medicinais em casa era de 66,22%, 32,43% adquiriam as plantas nas florestas perto da comunidade e 1,35% através de outras fontes (Nunes, 2016).

**QUADRO 1 - Relação quantitativa e qualitativa do uso de plantas medicinais**

Nome comum	Nome científico	Número de citações
<b>Boldo</b>	<i>Peumus boldus</i>	7
<b>Erva Santa Maria</b>	<i>Dysphania ambrosioides</i>	4
<b>Hortelã</b>	<i>Mentha</i>	4
<b>Gervão</b>	<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	4
<b>Broto de Algodão</b>	<i>Gossypium L.</i>	3
<b>Crajiru</b>	<i>Arrabidaea chica</i>	2
<b>Capim santo</b>	<i>Cymbopogon citratus</i>	2
<b>Alho</b>	<i>Allium sativum</i>	2
<b>Folha de limão</b>	<i>Citrus limon</i>	2
<b>Folha de laranja</b>	<i>Citrus sinensis</i>	2
<b>Capim Pé de Galinha</b>	<i>Eleusine coracana</i>	2
<b>Broto de Aranto</b>	<i>Bryophyllum daigremontianum</i>	1
<b>Valeriana</b>	<i>Valeriana officinalis</i>	1
<b>Terramicina</b>	<i>Alternanthera dentata</i>	1
<b>Babosa</b>	<i>Aloe vera L.</i>	1
<b>Tanchagem</b>	<i>Plantago major</i>	1
<b>Gengibre</b>	<i>Zingiber officinale</i>	1
<b>Cebola</b>	<i>Allium cepa</i>	1
<b>Camomila</b>	<i>Matricaria chamomilla</i>	1
<b>Broto da Goiabeira</b>	<i>Psidium guajava</i>	1
<b>Casca da Alfavaca</b>	<i>Ocimum basilicum L.</i>	1
<b>Casca do ipê roxo</b>	<i>Handroanthus impetiginosus</i>	1
<b>Raiz do açaí</b>	<i>Euterpe oleracea</i>	1
<b>Picão</b>	<i>Bidens pilosa</i>	1

### Consumo de Alopáticos

Relacionado aos medicamentos alopáticos, 75,75% declararam que utilizam esse tipo de medicação e 24,24% disseram que não fazem uso. O consumo de alopáticos foi dividido por classe medicamentosa (Gráfico 2), sendo os de maior consumo os medicamentos isentos de prescrição (MIP).



**GRÁFICO 2- Consumo de alopáticos por classe medicamentosa.**

Relacionado à alopáticos, houve um consumo de 30 tipos de medicamentos e 55 citações, havendo o uso dos mesmos medicamentos por várias das pessoas da comunidade. Os entrevistados relataram que possuem duas fontes de obtenção de alopáticos sendo elas farmácia e medicamentos distribuídos pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio), SESAI (Secretaria Especial em Saúde Indígena) e em uma UBS (Unidade Básica de Saúde), 62,96% pessoas citaram que adquirem os medicamentos apenas em farmácias, 25,92% adquirem os medicamentos de programas do governo, e apenas 11,11% pessoas declararam que utilizam ambos os serviços de distribuição de medicamentos.

### **Plantas Medicinais x Alopáticos**

O uso de plantas medicinais é comum para a maioria dos entrevistados onde destes 6 declararam usar apenas remédios naturais, e 2 disseram não utilizam nem plantas medicinais e nem alopátia, e 4 que usam apenas alopáticos.

Corroborando esta pesquisa com Nunes (2016) na mesma comunidade, onde 74,36% dos entrevistados usavam plantas medicinais como primeira opção de tratamento, e 23,08% utilizavam tanto o remédio fitoterápico quanto alopático e 2,56% usavam somente o remédio alopático e que a escolha dessas plantas medicinais tem relações com cultura da comunidade fortalecendo o uso de remédios naturais.

Assim como em Nunes (2016) esta pesquisa mostrou um uso em maior quantidade de plantas medicinais formando um percentual de 81,81%, já os alopáticos formaram um dado de 75,75%, porém observou-se que 63,63% faziam um uso concomitante de medicamentos alopáticos e Plantas medicinais.

## **CONCLUSÃO**

O etnoconhecimento entrelaçado com a etnofarmacologia são fundamentais, pois buscam no conhecimento empírico de comunidades afastadas, como no quilombo de Rolim de Moura do Guaporé, uma solução de custo relativamente baixo que possa ser usado de

forma científica e racional para combater os males que os acometem. A importância da etnofarmacologia caracteriza-se pelo levantamento de dados fornecidos através do etnoconhecimento para classificar, reconhecer e estudar as plantas medicinais.

Segundo Albuquerque (2005), a etnofarmacologia pode ser aplicada para possibilitar a descoberta de substâncias de origem vegetal com aplicações industriais e medicinais; acessar os novos conhecimentos para novas aplicações das substâncias já identificadas; documentar os conhecimentos tradicionais quanto ao manejo e conservação dos recursos naturais pelos povos tradicionais e; servir como base de informação para orientar o desenvolvimento de programas de preservação dos recursos naturais dos ecossistemas tropicais.

A pesquisa revelou a importância que o tratamento de doenças e enfermidades com plantas medicinais possuem em comunidades tradicionais, onde, mesmo na presença dos remédios alopáticos, esses tipos de conhecimento mantem-se presente no cotidiano de uma população quilombola ribeirinha.

Observa-se que as mulheres, além de fazerem mais uso das plantas medicinais, do que os homens, elas também transmitem esse conhecimento com mais frequência para as gerações posterior, revelando que são as verdadeiras responsáveis por manter viva essa prática e perpetua-la.

O registro das informações etnobotânicas e etnofarmacológicas desta pesquisa possui, importante meio para conservação da cultura local, adquirida através dos anos de tratamento com os recursos vegetais disponíveis. A população em questão depende destes recursos na medicina tradicional, que se relacionam com questões econômicas, culturais e pela grande dificuldade de acesso aos sistemas de saúde oficiais. A utilização da diversidade de plantas, bem como suas variadas aplicações, relata a crença da comunidade nos recursos vegetais como sendo alternativa para tratar doenças comuns, diante a grande deficiência do sistema de saúde pública.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à etnobotânica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. 93 p.

ALMEIDA, F. A. O. A percepção de alunos de duas escolas da cidade de Areia-PB acerca da utilização de plantas medicinais. **CCBS**. 2012. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/4133>>. Acesso em: 13 de dez. 2018.

ARRUDA, H. M. Ensaio sobre a importância das plantas potencialmente medicinais oriundas da floresta Amazônica na composição de medicamentos processados pela indústria farmacêutica. **Rev. Perspec. Amazôn.**, ano 3, n. 5, p. 32-45. Disponível em:<[http://www.fit.br/revista/doc/5\\_67.pdf](http://www.fit.br/revista/doc/5_67.pdf)>. Acesso em: 29 dez. 2018.

BARRETO, B. B. et al. Fitoterapia na Atenção Primária à Saúde: a visão dos profissionais envolvidos. 2011.

BARROS, J. A. C. Estratégias mercadológicas da indústria farmacêutica e o consumo de medicamentos. **Revista de Saúde Pública**. v. 17. n. 5. 1983. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rsp/1983.v17n5/377-386/pt/>>. Acesso em: 14 de dez. 2018.

CARNEIRO, M. S.; SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. S. Comunidade Rural e escolar na valorização do conhecimento sobre plantas medicinais. **Biotemas**. v. 29. n. 2. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/2175-7925.2016v29n2p89/31674>>. Acesso em: 14 de dez. 2018.

GONÇALVES, M. F. F. **Povos e comunidades Tradicionais: Relações com a escola do/no campo**. [Dissertação de Mestrado]. 2017. Disponível em: <<http://tede.utp.br:8080/jspui/handle/tede/1351#preview-link0>>. Acesso em: 14 de dez. 2018.

LAMEIRA, O. A.; PINTO, J. E. B. P. **Plantas medicinais: do cultivo, manipulação e uso a recomendação popular**. Belém Pará: Embrapa Amazônia Oriental, 2008. 264 p.

LOPES, C. P. et al. Oficina didática sobre plantas medicinais: relato das atividades desenvolvidas em uma escola de Mundo Novo – MS. **Anais do egrad**. v. 4. n. 7. 2017. Disponível em: <<http://anaisonline.uems.br/index.php/egrad/article/view/4687/4707>>. Acesso em: 14 de dez. 2018.

MATOS, M. B. M.; NUNES, M. S. Medicina Tradicional: Terapia indígena no Estado Acre. **Journal Of Amazon Health Science**. v. 2. n. 1. 2016. Disponível em: <<http://200.129.173.132/revista/index.php/ahs/article/view/333/pdf>>. Acesso em: 14 de dez. 2018.

MAZALA, T. T.; ALMEIDA, A. F. S. PREVALÊNCIA DO CONSUMO DE MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS NO MUNICÍPIO DE SETE LAGOAS-MG. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 6, n. Especial, 2018.

MENEGUELLI, A. Z. Etnobotânica na comunidade de remanescentes de quilombo de Pedras Negras – RO. [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO]. 2015. Disponível em: <<http://www.revistaea.org/pf.php?idartigo=2981>>. Acesso em: 15 de dez. 2018.

NUNES, R. O. Prospecção etnofarmacológica de plantas medicinais utilizadas pela população remanescente de quilombolas de Rolim de Moura do Guaporé, Rondônia, Brasil. 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.

RATES, S. M. K. Promoção do uso racional de fitoterápicos: uma abordagem no ensino de Farmacognosia. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 11. n. 2. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbfar/v11n2/a01v11n2.pdf>>. Acesso em: 15 de dez. 2018.

ROCHA, T. G.; GALENDE, S. B. A importância do controle de qualidade na Indústria Farmacêutica. **UNINGÁ**. v. 20. n. 2. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/rsp/1983.v17n5/377-386/pt/>>. Acesso em: 14 de dez. 2018.

SALE, M. D. C.; SARTOR, E. B.; LIMA, A. T. A. Conhecimento da medicina tradicional: a busca dos saberes etnobotânicos por meio das plantas medicinais. **Anais da FACIG**. n. 2. 2016. Disponível em: <http://www.pensaracademico.facig.edu.br/index.php/semiariocientifico/article/view/141/120>>. Acesso em: 14 de dez. 2018).

SANTOS, T. S.; BRETAS, M. L. B.; NOLL, M. Cultura Quilombola do cedro em perspectiva intercultural no ensino básico. (4º **Elicpibid**. 2018. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/ciclo/article/view/829/659>>. Acesso em: 15 de dez. 2018).

SANTOS SALES, G. P.; NEVES DE ALBUQUERQUE, H.; FARIAS CAVALCANTI, M. L. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim-Areia-PB. **Revista de biologia e ciências da terra**, n. 1, 2009.

VASCONCELOS, G. P. S. S.; CUNHA, E. V. L. Levantamento de Plantas Medicinais utilizadas por Indígenas Potiguaras da Aldeia São Francisco (Litoral Norte da Paraíba). **Gaia Scientia**. 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/gaia/article/view/24272>>. Acesso em: 14 de dez. 2018).

VIEIRA, L. S. **Fitoterapia da Amazônia**: manual de plantas medicinais (a farmácia de Deus). 2. ed. São Paulo: Agronômica Ceres, 1992. 347 p.